

*Depois de Munique e Paris, onde Breton, Aragon e Soupault fundaram a revista Littérature (1918), os dois grandes centros do dadaísmo foram Berlim, com Franz Jung, Hausmann e Huelsebeck, e Nova York, com Marcel Duchamp, Picabia e Man Ray.*

*O movimento se extinguiu em 1921, no ano do famoso processo contra Barrès, quando o «terrorismo das letras», chefiado por Breton, perseguiu os escritores mais importantes. No mesmo ano se extinguiu também na Alemanha. Breton, Aragon e Soupault foram em direção ao surrealismo, que fundariam em 1924, e Tzara seguiu sozinho, sempre coerente com a sua idéia de renovação da poesia. Ainda que se possa notar no movimento dadaísta a falta de transcendência e de dramatismo, tal como se deu também com o futurismo, dada teve enorme importância para a literatura deste século. Basta ver, por exemplo, o caso do Brasil, em que a idéia de nossa Semana de Arte Moderna foi simplesmente copiada da idéia de um «Congrès de l'Esprit Moderne», programado um ano antes para março de 1922, por André Breton, e que foi a causa da briga de Breton com Tzara e o conseqüente desaparecimento do dadaísmo.*

## MANIFESTO DO SENHOR ANTIPIRINA

DADÁ é nossa intensidade: quem levanta as baionetas sem conseqüência a cabeça sumatral do bebê alemão; Dadá é a vida sem pantufas nem paralelos; quem é contra e pela unidade e decididamente contra o futuro; nós sabemos ajuizadamente que os nossos cérebros se tornarão macias almofadas, que nosso antidogmatismo é tão exclusivista como o funcionário e que não somos livres e gritamos liberdade; necessidade severa sem disciplina nem moral e escarramos na humanidade.

DADÁ permanece no quadro europeu das fraquezas, no fundo é tudo merda, mas nós queremos doravante cagar em cores diferentes para ornar o jardim zoológico da arte de todas as bandeiras dos consulados.

Somos diretores de circo e assobiamos nos ventos das feiras, nos conventos, prostituições, teatros, realidades, sentimentos, restaurantes, ohi, hoho, bang, bang. Nós declaramos que o automóvel é um sentimento que nos acariciou bastante nas lentidões de suas abstrações como os transatlânticos, os ruídos e as idéias. Entretanto, nós exteriorizamos a facilidade, procuramos a essência central e ficamos contentes quando a podemos esconder; não queremos contar as janelas da elite maravilhosa, porque DADÁ não existe para ninguém e nós queremos que todo mundo compreenda isso. Lá está o balcão de Dadá, eu lhes asseguro. De lá se pode ouvir as marchas militares e descer cortando o ar como um serafim num banho popular para mijar e compreender a parábola.

DADÁ não é loucura, nem sabedoria, nem ironia, entenda-me, gentil burguês.

A arte era um jogo de avelã, os meninos juntavam as palavras que têm um toque de sino no fim, depois choravam e gritavam a estrofe, e lhe metiam as botinas das bonecas e a estrofe se tornou rainha para morrer um pouco e a rainha se tornou baleia, as crianças corriam até perder o fôlego.

Depois vieram os grandes embaixadores do sentimento que gritaram historicamente em coro:

Psicologia Psicologia hihi

Ciência Ciência Ciência

Viva a França

Nós não somos ingênuos

Nós somos sucessivos

Nós somos exclusivos

Nós não somos simples

e nós sabemos bem discutir a inteligência.

Mas nós, DADÁ, nós não somos da opinião de vocês, porque a arte não é séria, eu lhes asseguro, e se manifestamos o crime para dizer doutamente ventilador, é para lhes ser agradável, bons auditores, eu os amo tanto, eu lhes asseguro e os adoro.<sup>1</sup>

5206742  
190000  
67924  
876123  
-----  
9760519 | 10  
578  
921436 145123  
78910

(TZARA, Tristan. *Sept manifestes DADA*. Paris, Jean-Jacques Pauvert, 1963.)

1. As ilustrações são de FRANCIS PICABIA.

## MANIFESTO DADÁ 1918

*A magia de uma palavra — DADÁ —  
que pôs os jornalistas diante  
da porta de um mundo imprevisto, não tem  
para nós nenhuma importância.*

Para lançar um manifesto é preciso querer: A.B.C., fulminar 1, 2, 3, enervar e aguçar as asas para conquistar e espalhar pequenos e grandes a, b, c, assinar, gritar, blasfemar, arrumar a prosa sob uma forma de evidência absoluta, irrefutável, provar seu *non plus ultra* e sustentar que a novidade assemelha-se à vida como a última aparição de uma prostituta prova o essencial de Deus. Sua existência foi já provada pelo acordeão, pela paisagem e pela palavra doce. \*\*\* Impor seu A.B.C. é uma coisa natural — portanto lamentável. Todo o mundo o faz sob uma forma de cristalblefemadona, sistema monetário, produto farmacêutico, perna nua convidando à primavera ardente e estéril. O amor da novidade é a cruz simpática, faz prova de um não-me-importismo ingênuo, sinal sem causa, passageiro, positivo. Mas esse desejo está também envelhecido. Dando à arte o impulso da suprema simplicidade: novidade, pode-se ser humano e verdadeiro para com o divertimento, impulsivo, vibrante para crucificar o tédio. Na encruzilhada das luzes, alerta, atento, espreitando os anos, na floresta. \*\*\*

Eu redijo um manifesto e não quero nada, eu digo portanto certas coisas e sou por princípio contra os manifestos, como sou também contra os princípios

(decilitros para o valor moral de toda frase —mais comodidade; a aproximação foi inventada pelos impressionistas). \*\*\* Eu redijo este manifesto para mostrar que é possível fazer as ações opostas simultaneamente, numa única fresca respiração; sou contra a ação; pela contínua contradição, pela afirmação também, eu não sou nem para nem contra e não explico por que odeio o bom-senso.

DADÁ — eis uma palavra que conduz as idéias à caça; cada burguês é um pequeno dramaturgo, inventa conversações diferentes, em lugar de colocar as personagens convenientes ao nível de sua inteligência, crisálida sobre as cadeiras, busca as causas ou os fins (segundo o método psicanalítico que ele pratique) para cimentar sua intriga, história que fala e se define. \*\*\* Cada espectador é um intrigante, quando ele procura explicar uma palavra (conhecer!). Do refúgio acolchoado das complicações serpentinadas, ele manipula seus instintos. Daí as desgraças da vida conjugal.

Explicar: Divertimento dos ventrevermelhos para molhos dos crânios vazios.

#### ☞ DADÁ NÃO SIGNIFICA NADA

Se a gente acha fútil e se a gente não perde seu tempo com uma palavra que não significa nada... O primeiro pensamento que volta a essas cabeças é de ordem bacteriológica: encontrar sua origem etimológica, histórica ou psicológica, pelo menos. Sabe-se pelos jornais que os negros Krou denominam a cauda de uma vaca santa: DADÁ. O cubo é a mãe em certa região da Itália: DADÁ. Um cavalo de madeira, a ama de leite, dupla afirmação em russo e em romeno: DADÁ. Sábios jornalistas viram nela uma arte para os bebês, outros santos jesuschamandoascricinhas do dia, o retorno a um primitivismo seco e barulhento, barulhento e monótono. Não se constrói a sensibilidade sobre uma palavra; toda construção converge para a perfeição que aborrece, idéia estagnante de um pântano dourado, relativo produto humano. A obra de arte não deve ser a beleza em si mesma, porque a beleza está morta; nem alegre nem triste, nem clara nem obscura,

alegrar ou maltratar as individualidades, servindo-lhes os bolos das auréolas santas ou os suores de uma carreira curvada através das atmosferas. Uma obra de arte jamais é bela, por decreto, objetivamente, para todos. A crítica é portanto inútil, não existe senão subjetivamente, para cada um, e sem o menor caráter de generalidade. Acredita-se haver encontrado a base psíquica comum a toda a humanidade? A experiência de Jesus e a bíblia cobrem com suas asas largas e benevolentes: a merda, os animais, os salários. Como querer ordenar o caos que constitui esta infinita informe variação: o homem? O princípio: «ama teu próximo» é uma hipocrisia. «Conhece-te» é uma utopia, porém mais aceitável porque contém a maldade. Nada de piedade. Após a carnificina, resta-nos a esperança de uma humanidade purificada. Eu falo sempre de mim já que não quero convencer, eu não tenho o direito de arrastar outros em meu rio, eu não obrigo ninguém a me seguir e todo o mundo faz sua arte à sua maneira, se ele conhece a alegria que sobe em flechas para as camadas astrais, ou a que desce das minas de flores de cadáveres e de espasmos férteis. Estalactites: buscá-los por toda parte, nas creches ampliadas pela dor, os olhos brancos como as lebres dos anjos. Assim nasceu DADÁ<sup>1</sup> de um desejo de independência, de desconfiança na comunidade. Aqueles que nos pertencem conservam sua liberdade. Nós não reconhecemos nenhuma teoria. Temos bastantes academias cubistas e futuristas: laboratórios de idéias formais. Faz-se a arte para ganhar dinheiro e acariciar os gentis burgueses? As rimas soam a assonância das moedas e a inflexão desliza ao longo da linha do ventre de perfil. Todos os agrupamentos de artistas têm conduzido a esse banco cavalgando diversos cometas. A porta aberta às possibilidades de se chafurdar na almofada e na amamentação.

Aqui nós lançamos a âncora na terra gordurosa.

Aqui nós temos o direito de proclamar por que conhecemos o estremecimento e o despertar. Felizes ébrios de energia, nós cavamos o tridente na carne descuidada. Somos fluxos brilhantes de maldições em abundância tropical de vegetações vertiginosas, borracha e

1. Em 1916, no *Cabaret Voltaire* em Zurique.

chuva são o nosso suor, nós sangramos e queimamos a sede, nosso sangue é vigor.

O cubismo nasceu da simples maneira de olhar o objeto: Cézanne pintava uma xícara 20 centímetros mais baixo que seus olhos, os cubistas a observavam do alto, outros complicam a aparência fazendo uma secção perpendicular e dispendo-a sabiamente ao lado. (Eu não esqueço os criadores, nem as grandes razões da matéria que eles tornaram definitivas). \*\*\* O futurismo vê a mesma xícara em movimento, uma sucessão de objetos um ao lado do outro enfeitada maliciosamente por algumas linhas-força. Isso não impede que a tela seja uma boa ou má pintura destinada ao emprego dos capitais intelectuais. O pintor novo criou um mundo, cujos elementos são também os meios, uma obra sóbria e definida, sem argumento. O artista novo protesta: ele não pinta mais (reprodução simbólica e ilusionista), mas cria diretamente na pedra, na madeira, no ferro, no estanho, nas rochas, os organismos locomotivos que podem ser movimentados de todos os lados pelo vento límpido da sensação momentânea. \*\*\* Toda obra de pintura ou plástica é inútil; que ela seja um monstro que faça medo aos espíritos servis, e não adocicada para ornar os refatórios dos animais com roupas humanas, ilustrações desta triste fábula da humanidade. — Um quadro é a arte de fazer-se reencontrarem duas linhas geometricamente comprovadas paralelas, sobre uma tela, diante de nossos olhos, na realidade de um mundo transportado segundo as novas condições e possibilidades. Esse mundo não é especificado nem definido na obra, ele pertence nas suas inumeráveis variações ao espectador. Para seu criador, ele é sem causa e sem teoria. *Ordem = desordem; eu = não-eu; afirmação = negação*: irradiações supremas de uma arte absoluta. Absoluta em pureza de caos cósmico e ordenado, eterna no glóbulo sem par de duração, sem respiração, sem luz, sem controle. \*\*\*

Eu gosto de uma obra antiga pela sua novidade. Ela não tem senão o contraste que nos liga ao passado. \*\*\* Os escritores que ensinam a moral e discutem ou aperfeiçoam a base psicológica têm, à parte, um desejo oculto de ganhar, um conhecimento ridículo da vida, que para eles está classificada, repartida, canalizada;

eles teimam em ver dançar as categorias quando batem o compasso. Seus leitores zombam e continuam: para quê?

Há uma literatura que não chega até à massa voraz. Obra de criadores, saída de uma verdadeira necessidade do autor, e para ele. Conhecimento de um supremo egoísmo, em que as leis se estiolam. \*\*\* Cada página deve explodir, seja pelo sério profundo e pesado, pelo turbilhão, pela vertigem, pelo novo, pelo eterno, pela «blague» esmagadora, pelo entusiasmo dos princípios ou pela maneira de ser impressa. Eis aqui um mundo cambaleante que foge, noivo nos guizos da gama infernal, eis do outro lado: homens novos. Rudes, saltitantes, cavalgadores de soluços. Eis aqui um mundo mutilado e os charlatães literários em mal de melhora-mento.

Eu lhe digo: não há começo e nós não trememos, nós não somos sentimentais. Nós rasgamos, vento furioso, o linho das nuvens e das preces, e preparamos o grande espetáculo do desastre, do incêndio, da decomposição. Preparamos a supressão do luto e substituímos as lágrimas pelas sereias estendidas de um a outro continente. Pavilhões de alegria intensa e viúvos da tristeza do veneno. \*\*\* DADÁ é a insígnia da abstração; a propaganda e os negócios são também elementos poéticos.

Eu destruo as gavetas do cérebro e as da organização social: desmoralizar por todo lado e lançar a mão do céu ao inferno, os olhos do inferno ao céu, restabelecer a roda fecunda de um circo universal nos poderes reais e na fantasia de cada indivíduo.

A filosofia é a questão: de que lado começar a observar a vida, deus, a idéia, ou não importa o que seja. Tudo o que se observa é falso. Eu não creio que é mais importante o resultado relativo, do que a escolha entre bolo e cerejas após o jantar. A maneira de observar depressa o outro lado de uma coisa, para impor indiretamente sua opinião, se chama dialética, isto é, regatear o espírito das batatas fritas, dançando o método em torno.

Se eu grito:

*Ideal, ideal, ideal,*

*Conhecimento, conhecimento, conhecimento,  
Bumbum, bumbum, bumbum,*

eu gravei exatamente o progresso, a lei, a moral e todas as outras belas qualidades que diferentes pessoas mais inteligentes discutiram em tantos livros, para chegar, afinal, a dizer que assim mesmo cada um dançou segundo seu bumbum pessoal, e que ele tem razão para seu bumbum, satisfação da curiosidade doentia; repiques privados por desejos inexplicáveis; banho, dificuldades pecuniárias, estômago com repercussão sobre a vida; autoridade da batuta mística formulada em ramallete de orquestra-fantasma aos arcos mudos, lubrificadas de beberetes à base de amoníaco animal. Com o «lorgnon» azul de um anjo eles cavaram o interior para vinte tostões de unânime reconhecimento. \*\*\* Se todos têm razão e se todas as pílulas não são senão Pink, experimentemos por uma vez não ter razão. \*\*\* Crê-se poder explicar racionalmente, pelo pensamento, o que se escreve. Mas isso é muito relativo. O pensamento é uma bela coisa para a filosofia mas ele é muito relativo. A psicanálise é uma doença perigosa, adormece as inclinações anti-reais do homem e sistematiza a burguesia. Não há a última Verdade. A dialética é uma máquina divertida que nos conduz / de uma maneira vulgar / às opiniões que nós teríamos tido de qualquer maneira. Crê-se, pelo refinamento minucioso da lógica, ter demonstrado a verdade e estabelecido a exatidão de suas opiniões? Lógica fechada para os sentidos é uma doença orgânica. Os filósofos gostam de ajuntar a esse elemento: O poder de observar. Mas justamente esta magnífica qualidade do espírito é a prova de sua importância. Observa-se, olha-se de um ou de vários pontos de vista, a gente os escolhe entre os milhões que existem. A experiência é também um resultado do acaso e das faculdades individuais. \*\*\*

A ciência me repugna desde que ela se torne sistema-especulativo, perde seu caráter de utilidade — de qualquer forma inútil — mas ao menos individual. Eu odeio a objetividade gordurosa e a harmonia, esta ciência que encontra tudo em ordem. Continuem, meus meninos, humanidade... A ciência diz que nós somos os servidores da natureza: tudo está em ordem, façam o amor e quebrem as cabeças. Continuem, meus meninos, humanidade, gentis burgueses e jornalistas vir-

gens... \*\*\* Eu sou contra os sistemas, o mais aceitável dos sistemas é aquele que tem por princípio não ter princípio nenhum... \*\*\* Completar-se, aperfeiçoar-se na sua própria pequenez até encher o vaso de si mesmo, coragem de combater para ou contra o pensamento, mistério do pão escapado súbito de uma hélice infernal em lírios econômicos.

## A ESPONTANEIDADE DADAISTA

Eu denomino não-me-importismo o estado de uma vida em que cada um guarda suas próprias condições, sabendo contudo respeitar as outras individualidades, aliás se defender, o *two-step* transformando-se em hino nacional, loja de bricabraque, T.S.F. telefone sem fio transmitindo as fugas de Bach, cartazes luminosos e propagandas de bordéis, o órgão difundindo cravos para Deus, tudo isso unido, e realmente substituindo a fotografia e o catecismo unilateral.

A simplicidade ativa.

A impotência em discernir entre os graus de clareza: lambar a penumbra e flutuar na grande boca cheia de mel e de excremento. Medida na escala Eternidade, toda ação é vã — (se nós deixamos o pensamento correr uma aventura cujo resultado seria infinitamente grotesco — dado importante para o conhecimento da impotência humana). Mas se a vida é uma farsa de mau gosto, sem finalidade nem parto inicial, e porque nós acreditamos dever nos desembaraçar propriamente, em crisântemos lavados, do negócio, nós proclamamos a única base do entendimento: a arte. Ela não tem a importância que nós, astutos do espírito, lhe prodigamos em todos os tempos. A arte não aflige ninguém e os que sabem se interessar por ela receberão carícias e bela ocasião de povoar o país de sua conversação. A arte é uma coisa privada, o artista a faz para si; uma obra compreensível é produto de jornalista, e porque me agrada neste momento misturar esse monstro às cores do óleo: tubo de papel imitando o metal que se imprime e verte, automaticamente, ódio, covardia, vilania. O artista, o poeta se regozija com o veneno da massa condensada num chefe de secção dessa indústria, ele é feliz quando é injuriado: prova

de sua imutabilidade. O autor, o artista louvado pelos jornais, verifica a compreensão de sua obra: miserável substituto de um casaco para a utilidade pública; andrajos que cobrem a brutalidade, mijo colaborando para o calor de um animal que choca os baixos instintos. Carne flácida e insípida se multiplicando com a ajuda dos micróbios tipográficos.

Nós rechaçamos a tendência choramingosa em nós. Toda filtração desta natureza é diarréia cristalizada. Encorajar esta arte quer dizer digeri-la. Necessitamos de obras fortes, direitas, precisas e para sempre incompreendidas. A lógica é uma complicação. A lógica é sempre falsa. Ela tira o fio das noções, palavras, no seu exterior formal, para as extremidades, dos centros ilusórios. Suas cadeias matam, miriápode enorme asfixiando a independência. Casada com a lógica, a arte viveria no incesto, engolindo, sorvendo sua própria cauda sempre sem corpo, fornicando em si mesma e o temperamento se tornaria um pesadelo alcatroado de protestantismo, um monumento, um monte de intestinos acinzentados e irrespiráveis.

Mas a maciez, o entusiasmo e mesmo a alegria da injustiça, esta pequena verdade que praticamos inocentes e que nos torna belos: somos finos e nossos dedos maleáveis e escorregadios como os ramos dessa planta insinuante e quase líquida; ela dá precisão à nossa alma, dizem os cínicos. É também um ponto de vista; mas todas as flores não são santas, felizmente, e o que há de divino em nós é o despertar da ação anti-humana. Trata-se aqui de uma flor de papel para a lapela dos senhores que freqüentam o baile da vida mascarada, cozinha da graça, brancas primas flexíveis ou gordas.<sup>2</sup> Eles traficam com o que nós selecionamos. Contradição e unidade dos pólos num único jato podem ser verdade. Se a gente faz questão de em todo caso pronunciar esta vulgaridade, apêndice de uma moralidade libidinosa, malcheirosa. A moral atrofia como todo insuportável produto da inteligência. O controle da moral e da lógica nos infligiram a impassibilidade diante dos agentes de polícia — causa da escravidão, — ratos pútridos de que os burgueses têm

2. Há certas aproximações fônicas difíceis de se conseguir em português, como esta: *cuisine de la grâce, blanches cousines soupres ou grasses.*

o ventre cheio, e que infetaram os únicos corredores de vidro claros e limpos que permaneceram abertos aos artistas.

Que cada homem grite: há um grande trabalho destrutivo, negativo, a executar. Varrer, limpar. A propriedade do indivíduo se afirma após o estado de loucura, de loucura agressiva, completa, de um mundo abandonado entre as mãos dos bandidos que rasgam e destroem os séculos. Sem objetivo nem plano, sem organização: a loucura indomável, a decomposição. Os fortes pela palavra ou pela força sobreviverão, porque estão vivos na defesa, a agilidade dos membros e dos sentimentos flameja sobre seus flancos facetados.

A moral determinou a caridade e a piedade, duas bolas de sebo que cresceram como os elefantes, como os planetas que nós julgamos bons. Elas não têm nada de bondade. A bondade é lúcida, clara e decidida, implacável para o compromisso e para a política. A moralidade é a infusão do chocolate nas meias de todos os homens. Essa nódoa não é ordenada por uma força sobrenatural, mas pelo truste dos comerciantes de idéias e pelos monopolistas universitários. Sentimentalidade: vendo um grupo de homens que discutem e se aborrecem, inventaram um calendário e o medicamento sabeloria. Colando as etiquetas, a batalha dos filósofos se desencadeou (mercantilismo, balanço, medidas meticulosas e mesquinhas) e se compreende uma vez mais que a piedade é um sentimento, como a diarréia em relação ao desgosto que estraga a saúde, a imunda tarefa das carcaças em comprometer o sol.

Eu proclamo a oposição de todas as faculdades cósmicas a essa blenorragia de um sol pútrido saído das usinas do pensamento filosófico, a luta encarniçada, com todos os meios no

### NOJO DADAÍSTA.

Todo produto do nojo susceptível de se tornar uma negação da família é *dadá*<sup>3</sup>; protesto com os punhos de todo o seu ser em ação destruidora: **DADÁ**; conhecimento de todos os meios rejeitados até o presente pelo sexo pudico do compromisso cômodo da polidez: **DADÁ**; abolição da lógica, dança dos impotentes da

3. Neste parágrafo final a palavra **DADÁ** aparece sempre em tipos diferentes e, a partir daqui, sempre em maiúsculas.

criação: **DADA**; de toda hierarquia e equação social instalada para os valores pelos nossos criados: **DADA**; cada objeto, todos os objetos, os sentimentos e as obscuridades, as aparições e o choque preciso das linhas paralelas são meios para o combate: **DADA**; abolição da memória: **DADA**; abolição da arqueologia: **DADA**; abolição dos profetas: **DADA**; abolição do futuro: **DADA**; crença absoluta indiscutível em cada deus produto imediato da espontaneidade: **DADA**; salto elegante e sem prejuízo da harmonia à outra esfera; trajetória de uma palavra lançada como um disco sonoro grito; respeitar todas as individualidades na sua loucura do momento: sério, temeroso, tímido, ardente, vigoroso, decidido, entusiasta; livrar sua igreja de todo acessório inútil e pesado; escarrar como uma cascata luminosa o pensamento descortês ou amoroso, ou acariciá-lo — com a viva satisfação de que é inteiramente igual — com a mesma intensidade no espinhal, puro de insetos para o sangue bem nascido, e dourado de corpos de atcanjos, de sua alma. Liberdade: **DADA DADA DADA**, uivos das dores crispadas, entrelaçamento dos contrários e de todas as contradições, dos grotescos, das inconseqüências: A VIDA.

(*Ibidem.*)

## PROCLAMAÇÃO SEM PRETENSÃO<sup>1</sup>

A arte adormece para o nascimento do mundo novo «ARTE» — palavra papagaio — substituído por **DADÁ PLESIOSAURO**, ou lenço

*O talento QUE SE PODE APRENDER faz do poeta um droguista HOJE a crítica balança não lança mais as semelhanças*

Hipertróficos pintores hiperestesiados e hipnotizados pelos jacintos dos muezins de aparência hipócrita

CONSOLIDAM A COLHEITA EXATA DOS CÁLCULOS

Hipódromo das garantias imortais: *não há importância alguma não há transparência nem aparência*

MÚSICOS QUEBRAM SEUS INSTRUMENTOS CEGOS NO PALCO

A SERINGA *não existe senão para meu entendimento*

Eu escrevo porque é natural como eu mijo como eu estou doente

A ARTE TEM NECESSIDADE DE UMA OPERAÇÃO

*A arte é uma PRETENSÃO aquecida na TIMIDEZ da bacia urinária, a histeria nascida no atelier*

1. A diversidade de tipos na composição desse manifesto, o terceiro do grupo **DADÁ**, de 1919, dificulta a sua exata reprodução em português. O fac-símile ajudará o leitor a sentir a sua pluri-significação visual.

Nós buscamos a força *direita* PURA SÓBRIA única nós  
não buscamos NADA nós afirmamos a VITALIDADE de cada  
instante

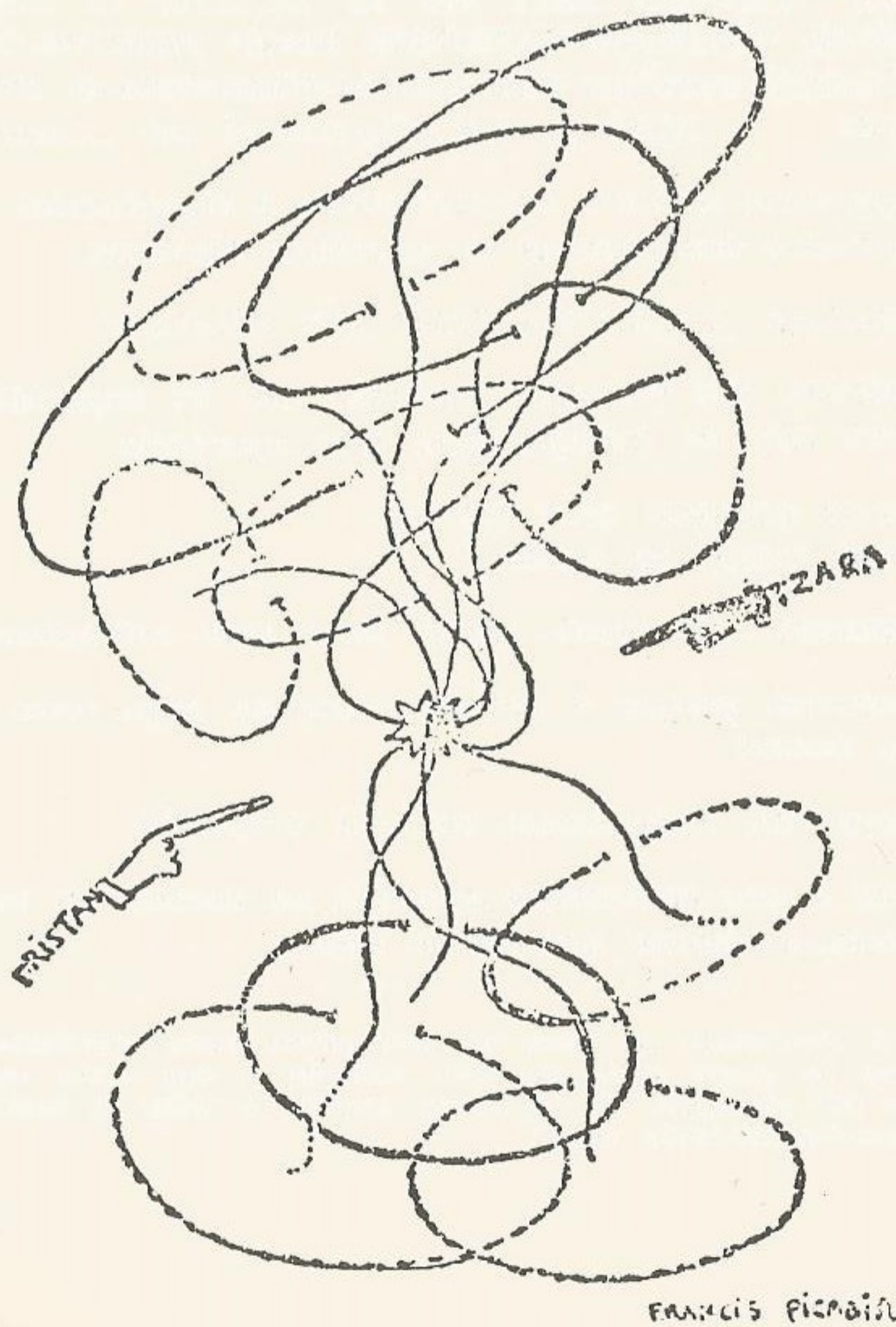
A antifilosofia das acrobacias *espontâneas*

*Neste momento eu odeio o homem que cochicha no  
entreato — água de colônia — teatro ácido. O VENTO  
ALEGRE*

SE CADA UM DIZ O CONTRÁRIO É PORQUE TEM RAZÃO

Preparem a ação do gêiser de nosso sangue — for-  
mação submarina de aviões transcromáticos, metais ce-  
lulares e numerados no salto  
das imagens  
por cima dos regulamentos do  
BELO e de seu controle  
*isto não é para os abortos que adoram ainda seu um-  
bigo*

(Ibidem.)



# proclamation

sans

# prétention

---

L'art s'endort pour la naissance du monde nouveau  
"ART" — *mot perroquet* — remplacé par **DADA**,  
**PLÉSIAUSAURE**, ou mouchoir

*Le talent QU'ON PEUT APPRENDRE fait du  
poète un droguiste **AUJOURD'HUI** la critique balance  
ne lance plus des ressemblances*

**Hypertrophiques peintres hyperestésés  
et hypnotisés par les hyacinthes des  
muezzins d'apparence hypocrite**

**CONSOLIDEZ LA RÉCOLTE EXACTE DES CALCULS**



HYPODROME DES GARANTIES IMMORTELLLES : *Il n'y a aucune importance il n'y a pas de transparence ni d'apparence*

**MUSICIENS CASSEZ VOS INSTRUMENTS AVEUGLES** sur la scène

La **SERINGUE** n'est que pour mon entendement. *J'écris parce que c'est naturel comme je pleure comme je suis malade*

**L'art a besoin d'une opération**

L'art est une **PRÉTENTION** chauffée à la **TIMIDITÉ** du bassin urinaire, **l'hystérie** née dans **l'atelier**

Nous cherchons la force **droite pure sobre unique** nous ne cherchons **RIEN** nous affirmons la **VITALITÉ** de chaque instant

**l'anti-philosophie des acrobaties spontanées**

En ce moment je hais l'homme qui chuchote avant l'entr'acte — eau de cologne — théâtre aigre. **LE VENT ALLÈGRE.**

**SI CHACUN DIT LE CONTRAIRE C'EST PARCE QU'IL A RAISON**

Préparez l'action du geyser de notre sang — formation sous-marine d'avions transchromatiques, métaux cellulaires et chiffrés dans le saut des images

au dessus des règlements du

*Beau* et de son contrôle

**Ce n'est pas pour les avortons qui adorent encore leur nombril**